

Dedico estas páginas ao meu amigo e protetor o Escargô cabeçudo, aos clientes do bar O Crédito Viajou, e a minha mãe Pauline Kengué de quem peguei esta história (com algumas mentiras)

como cheguei catastróficamente ao seu pé

então eu sou só um animal, um animal de nada, os homens diriam uma besta selvagem como se não existissem outras mais bestas e mais selvagens que nós na espécie deles, para eles eu não passo de um porco-espinho, e como só acreditam naquilo que veem, deduziriam que não tenho nada de particular, que pertença ao grupo de mamíferos munidos de longos espinhos, acrescentariam que sou incapaz de correr tão rápido quanto um cão de caça, que a preguiça me obriga a não viver longe do lugar em que me alimento

para dizer a verdade, não invejo os homens, tiro sarro da pretendida inteligência deles já que eu mesmo fui durante muito tempo o duplo do homem que chamávamos Kibandí e que morreu anteontem, eu, eu me enterrava a maior parte do tempo não longe do vilarejo, só me juntava a esse homem tarde da noite quando tinha que executar as missões precisas que ele me confiava, tenho consciência das represálias que ele me teria feito se tivesse escutado enquanto vivo eu me confessar como agora, com uma liberdade de tom que ele teria entendido como ingratidão porque, sem aparentar, ele acreditou a vida inteira que eu lhe devia alguma coisa, que eu não passava de um pobre figurante, que ele podia decidir o meu destino como bem entendesse; pois bem, sem querer puxar a sardinha pro meu lado, eu também posso dizer a mesma coisa a respeito dele já que sem mim ele não teria passado de um vegetal miserável, a sua vida humana não teria valido nem mesmo três pinguinhos de xixi do velho porco-espinho que nos governava na época em que eu ainda fazia parte do mundo animal

tenho quarenta e dois anos hoje, me sinto ainda muito jovem, e se eu fosse um porco-espinho como esses que se arrastam pelas plantações deste vilarejo eu não teria tido uma vida tão longa porque, para nós, porcos-espinho desta região, a gestação dura entre noventa e três e noventa e quatro dias, podemos no melhor dos casos viver até os vinte e um anos quando estamos em cativeiro, mas qual o interesse de passar a vida em reclusão como um escravo, qual o interesse de imaginar a liberdade atrás das grades, hein, eu sei que certos animais preguiçosos gostariam disso, esquecendo até mesmo que a doçura do mel não consolará jamais a picada de abelha, eu, eu prefiro os imprevistos da vida na savana às jaulas nas quais vários dos meus compadres que são sequestrados ficam para terminar um dia ou outro como bolinhas de carne nas panelas dos humanos, é verdade que tive o privilégio de bater o recorde de longevidade da minha espécie, de ter a mesma idade que o meu mestre, não finjo que ter sido

seu duplo foi uma sinecura, era um trabalho de verdade, os meus sentidos eram solicitados, eu lhe obedecia sem hesitar ainda que durante as últimas missões eu começasse a recuar, a me dizer que nós cavamos nossa própria cova, eu devia entretanto lhe obedecer, assumia a minha condição de duplo como uma tartaruga que carregava a sua carapaça, era o terceiro olho, a terceira narina, a terceira orelha do meu mestre, o que significa que aquilo que ele não via, aquilo que ele não sentia, aquilo que ele não escutava, eu lhe transmitia em sonhos, e quando ele não respondia às minhas mensagens, eu aparecia diante dele na hora em que os homens e mulheres de Sêkêpembê estavam indo para os campos

não dei assistência ao nascimento de Kibandí como esses duplos que nascem no mesmo dia que a criança que eles verão crescer, aqueles são duplos pacíficos, eles não se expõem diante do seu mestre, só intervêm em casos precisos, por exemplo quando seu iniciado fica doente ou quando ele é vítima do azar, os duplos pacíficos levam uma vida monótona, aliás não sei como suportam tal existência, eles são moles, lentos, a sua preocupação primeira é a fuga assim que há barulho, essa atitude idiota os faz desconfiar até mesmo da própria silhueta, ouvi dizer que a maior parte deles era surda, cega, que não se podia entretanto surpreender a sua vigilância devido a seu faro infalível, digamos que eles protegem o ser humano, o guiam, traçam o caminho da sua existência, morrem como nós no mesmo dia que seu mestre, a transmissão de tal poder é assegurada pelo avô desde o nascimento do ser humano, o velho pega o recém-nascido depois de consultar os seus genitores, desaparece com ele atrás da cabana, fala com ele, o agride, afaga, agita, faz cócegas, joga pra cima, pega de volta enquanto o espírito do duplo pacífico sai do corpo do idoso para se infiltrar no do pequeno ser; o iniciado se dedicará a fazer o bem, se distinguirá pela sua generosidade sem limites, dará dinheiro aos paralíticos, aos cegos, aos mendigos, respeitará seus iguais, estudará as plantas com o intuito de curar os doentes e garantirá a transmissão dos seus dons às gerações futuras assim que aparecerem os primeiros cabelos brancos na cabeça; é uma vida mais que tediosa para não dizer monótona, eu não teria tido nada para lhe contar hoje se fosse um desses duplos pacíficos sem história, sem nada de excepcional

pertenço antes ao grupo dos duplos nocivos, nós somos os mais agitados dos duplos, os mais perigosos, os menos comuns também, e como você pode adivinhar a transmissão de tal duplo é mais complicada, mais restrita, ela acontece ao longo do décimo ano de vida da criança, é preciso ainda fazer com que ela engula a bebida iniciática chamada mayamvumbí, o iniciado a beberá regularmente a fim de sentir o estado de embriaguez que o permite se duplicar, liberar seu outro ele mesmo, um clone bulímico que não para de correr, de cavalgar, de saltar rios, de se enterrar na folhagem quando não está roncando na cabana do iniciado, e eu, eu me encontrava no meio desses dois seres, não como espectador já que, sem mim, o outro eu do meu mestre teria sucumbido para satisfazer a sua gula, posso lhe garantir que se os pais das crianças a quem se transmite um duplo pacífico estão sabendo da iniciação e a encorajam, não

acontece o mesmo quando se tem a transmissão de um duplo nocivo, aqui ela se opera contra a vontade da criança, se desenrola escondido da mãe, dos irmãos, das irmãs, os seres humanos dos quais nós nos tornamos então a encarnação animal não se deixarão mais dominar por sentimentos como a piedade, a comiseração, o remorso, a misericórdia, enfrentarão a noite e, uma vez a transmissão feita, o duplo nocivo deverá abandonar o mundo animal para viver perto do iniciado, ele executará sem protestar as missões que este lhe confiará, aliás desde quando nós vimos um duplo nocivo desdizer o homem do qual dependa a sua existência, hein, jamais vi com memória de porco-espinho, e não são só os elefantes que possuem uma memória confiável, isso é ainda um dos preconceitos da espécie humana

bem antes de o meu mestre começar a brincar com o fogo, eu saboreava a felicidade de alguns meses de repouso, aproveitava para contemplar a vida que acontecia a minha volta, o ar fresco enchia os meus pulmões, a alegria me deixava agitado e eu corria, corria sempre, parava no topo de uma colina de onde eu podia varrer com o olhar a agitação da fauna, eu adorava observar os outros animais, as suas vidas cotidianas, quer dizer que eu podia me reunir à savana, eu podia desaparecer, não dar mais satisfação ao meu mestre, eu via o sol se pôr, depois fechava os olhos para escutar os grilos antes de ser acordado na manhã do dia seguinte pela cantoria das cigarras, e durante esses períodos de inatividade, de trégua, eu mordiscava muito, quanto mais eu comia, mais eu tinha fome, aliás não me lembro mais quantas plantações de tubérculos eu assombrei para a grande desgraça dos camponeses de Sêkêpembê que acusavam injustamente um monstro meio-homem meio-animal e cujo estômago era tão profundo quanto o buraco da sua ignorância, depois eu ia na primeira hora surpreender os patos selvagens que se agitavam no rio, as suas penas multicoloridas refletiam na água, eu me divertia ao vê-los desfilarem sobre as águas sem se afogar, eles voavam para outros espaços assim que um deles soava o fim da recreação ou que um caçador se aventurava na região, a última hora da manhã abria o desfile das zebras, das corças, dos javalis, depois dos leões que circulavam em bando ao longo desse rio, os pequenos na frente, os velhos rugindo por nada, esse mundo animal não se cruzava, existia como uma repartição natural do tempo, era só bem mais tarde, quando o sol já estava a pino, que aparecia o exército dos macacos, eu assistia às disputas entre os machos, sem dúvida por uma questão de autoridade ou de fêmea, eu via isso como uma diversão, os gestos deles me lembravam os dos humanos, sobretudo quando esses antropóides se distraíam com seus excrementos de nariz, se arranhavam as partes genitais, cheiravam em seguida os dedos antes de exprimir imediatamente desgosto, e eu me perguntava se entre eles alguns não eram o duplo nocivo de seres humanos, depois me reformulava, sabendo que um duplo nocivo era obrigado a se afastar da vida em comunidade

sim eu era um porco-espinho feliz nessa época, e eu eriço os meus espinhos enquanto o afirmo, o que é uma maneira para nós de jurar, ou então nós levantamos a pata direita e a agitamos três vezes seguidas, eu sei que os

humanos costumam, eles, colocar em jogo a cabeça dos seus defuntos ou convocar seu Deus que eles jamais viram e adoram de olhos fechados, eles consagram assim a sua existência a ler Suas palavras reportadas num livro grosso que os homens de pele branca trouxeram para cá na época longínqua quando os habitantes deste país cobriam seus sexos ridículos com a ajuda de pele de leopardo ou folhas de bananeira e ignoravam que atrás do horizonte viviam outros povos diferentes deles, que o mundo se estendia também depois dos mares e dos oceanos, que, quando a noite caía aqui, noutra canto era dia; que, quando chovia aqui, noutra canto fazia sol, e parece que o meu mestre Kibandí possuía esse livro de Deus no qual existem várias histórias em que os homens são forçados a crer com o risco de não merecerem um lugar no que eles chamam de o Paraíso, você duvida que eu tenha metido o meu nariz lá dentro por curiosidade já que eu podia ler correntemente como o meu mestre, me acontecia aliás de ler em seu lugar quando ele estava esgotado, então percorri esse livro de Deus, páginas inteiras, muito palpitantes e patéticas, lhe digo, sublinhei passagens com a ajuda dos meus espinhos, escutei com as minhas próprias pequenas orelhas muitas dessas histórias da boca de pessoas sérias, de pessoas de barbicha grisalha, de pessoas que iam aos domingos à igreja do vilarejo, elas contavam essas histórias com tal precisão e tal fé que teríamos deduzido que tinham elas mesmas sido testemunhas oculares dos fatos assim relatados, saiba que o episódio mais contado pelos bípedes dotados do verbo é aquele de um tipo misterioso, uma espécie de errante carismático, o filho de Deus, eles admitem, ele veio ao mundo por um meio muito complicado, nem mesmo se detalha nesse livro como o seu pai e a sua mãe se acasalaram, é esse tipo que passeava nas águas, é ele também que transformava água em vinho, e que também multiplicava os pães para alimentar o povo, e que também respeitava as prostituídas sobre quem a população jogava pedras, e que também restituía pernas aos paralíticos mais desesperados, a vista aos cegos, e ele veio à terra para salvar a humanidade inteira, incluindo nós os animais porque, escute bem, já em tempos remotos, para preservar ao menos um espécime de cada espécie viva na terra, não se esqueceram de nós, também nos agruparam nessa caixa batizada de Arca de Noé para que sobrevivêssemos a uma chuva torrencial de quarenta dias e quarenta noites, o Dilúvio era o nome disso, mas veja que muito tempo depois o filho único que Deus enviou aqui para baixo foi alvo dos homens incrédulos, sem fé que o flagelaram, crucificaram, largaram em pleno sol ardente, e no dia do seu julgamento por aqueles mesmos que o acusavam de ter perturbado a ordem pública devido a seus milagres espetaculares, quando foi preciso escolher entre ele e um outro acusado, um personagem medíocre sem fé nem lei que denominavam Barrabás, preferiram absolver esse bandido de longa data, e eles o mataram, esse pobre filho de Deus, mas você acha, ele voltou do Reino dos mortos como alguém que acordava de uma pequena siesta de nada, e se lhe falo desse tipo misterioso não é para me afastar das minhas confissões, é que estou persuadido de que ele não era qualquer um, esse filho de Deus, era um iniciado como o meu mestre, devia ser entretanto protegido por um duplo pacífico, ele nunca tinha feito mal a ninguém, eram os outros que procuravam chifre em cabeça de cavalo, digamos que se Kibandí não lia mais essas histórias,

se ele preferia antes o universo dos livros esotéricos, é porque estimava que o livro de Deus reprimia as suas próprias crenças, criticava as suas práticas, o afastava dos ensinamentos dos seus ancestrais, então ele não acreditava nem um pouco em Deus na medida em que Este sempre confiava a realização das preces ao amanhã enquanto o meu mestre desejava resultados concretos e imediatos, ele não ligava para promessas de um paraíso, é por isso que lançava às vezes, na tentativa de cortar rapidamente as discussões dos crentes mais determinados do vilarejo, “se você quer que Deus se divirta, conte a ele seus projetos”, e depois os homens bem que juraram pela cabeça dos seus defuntos ou pelo nome do seu Todo-Poderoso, e é isso que eles fazem desde que o mundo é mundo, e acabam um dia ou outro traindo a própria palavra porque eles sabem que a palavra não é nada, só engaja aqueles que acreditam nela

assim que me retirava para a floresta depois de uma missão, eu aproveitava o tempo para meditar numa toca, às vezes no topo de uma árvore ou nas suas cavidades, também nas margens do rio, longe do desfile dos patos e de outros animais, eu fazia uma análise das nossas atividades com o meu mestre, este dormia um sono profundo, repunha as forças depois de uma noite exaustiva, a minha meditação podia se prolongar até a noite do dia seguinte, isso não me esgotava, eu estava antes feliz de manejar coisas abstratas e, já nessa época, eu tinha rapidamente aprendido a discernir as coisas, a procurar a melhor solução para um obstáculo, os homens estão equivocados ao se vangloriar disso, estou convencido de que eles não nascem inteligentes, eles se beneficiam certamente de uma aptidão para isso, a inteligência é uma semente que precisamos regar para ver um dia florescer, se tornar uma árvore frutífera bem enraizada, alguns ainda continuarão tão ignorantes e incultos quanto um rebanho de carneiros que se joga de um barranco porque um deles se jogou primeiro, outros ficarão idiotas assim como esse astrólogo cretino que cai no fundo de um poço ou mesmo esse corvo imitando a águia que sequestra um carneiro, outros ainda persistirão na sua imbecilidade a exemplo do lagarto que se excita, balança a cabeça ao longo do dia, esses humanos viverão na escuridão, a sua única consolação será a de serem homens, o velho porco-espinho que nos governava teria dito a respeito deles “são todos cretinos, serem homens é o último argumento deles, ora, não é porque a mosca voa que isso fará dela um pássaro”, vou lhe dizer que nas minhas cogitações eu procurava compreender o que tinha por trás de cada ideia, cada conceito; eu sei agora que o pensamento é algo essencial, é ele que inspira nos homens a tristeza, a piedade, o remorso, até a maldade ou a bondade, e se o meu mestre varria esses sentimentos com as mãos, eu os provava depois de cada missão cumprida, senti muitas vezes as lágrimas rolares dos meus olhos porque, palavra de porco-espinho, quando estamos cheios de tristeza ou de compaixão sentimos um aperto no coração, os pensamentos se tornam sombrios, nos arrependemos dos nossos atos, da nossa má conduta, mas, como eu só era um executor, consagrava a minha existência ao meu papel de duplo, chegava a superar as minhas ideias sombrias e depois me consolava murmurando que havia atos mais desonestos nesta terra, então eu respirava fundo, roía algumas

raízes de mandioca ou de noz de palma, tentava fechar os olhos, dizer que amanhã seria um outro dia, rapidamente outra missão me era confiada, eu devia me preparar, sair do meu esconderijo, ir para perto da cabana ou do ateliê do meu mestre, escutar as suas instruções; é claro que eu podia me rebelar, é claro que eu sonhava em escapar do controle do meu mestre, eu pensava nisso de tempos em tempos, a tentação era grande, ao menos eu poderia ter evitado certos atos, estava como que paralisado e não fazia nada, não pude nem mesmo fazer algo antes de ontem quando eu só tinha como solução a covardia, a fuga à maneira de um duplo pacífico enquanto o meu mestre dava o último suspiro que iria conduzi-lo ao outro mundo, e eu assistia, impotente, à sua agonia, a essa cena que ficou gravada na minha memória, desculpe a minha emoção, a minha voz trêmula, preciso de um momento para respirar

a bem ver eu não deveria mais ser deste mundo, deveria ter morrido anteontem junto com Kibandí, era o pânico, a surpresa, nós tínhamos sido pegos de supetão, nada tinha sido previsto para impedir os acontecimentos em tais circunstâncias, eu tinha me tornado um patético porco-espinho que fugia; na verdade não tinha imediatamente acreditado na minha própria sobrevivência, e já que um duplo morre no mesmo dia que seu mestre, eu me dizia que eu não passava de um fantasma, e, quando vi Kibandí solucionar, depois entregar a alma, fiquei na hora enlouquecido porque, como teria dito o nosso velho governante em seu tempo, “quando se cortam as orelhas, o pescoço deveria se preocupar”, e eu, eu já não sabia mais o que fazer, aonde ir, andava em círculos, o espaço parecia se reduzir a minha volta, eu temia que o céu caísse sobre mim, tinha a respiração cortada, tudo me amedrontava, pensei que era preciso que eu tivesse agora mesmo a prova da minha existência, ora, como ser persuadido que existimos, que não somos apenas uma casca vazia, uma silhueta sem alma, hein, eu tinha para isso alguns truques eficazes que aprendi com os homens da região, bastava me perguntar o que diferenciava um ser vivo de um fantasma; a princípio refleti que, se eu pensava, eu existia, ora, eu sempre sustentei que os homens não tinham o monopólio do pensamento, por outro lado os habitantes de Sêkêpembê afirmam que os fantasmas também pensam já que eles retornam para assombrar os vivos, encontram sem dificuldade os caminhos que levam ao vilarejo, perambulam pelos mercados, vão dar uma olhadinha nos seus antigos domicílios, vão anunciar a sua morte nos vilarejos ao redor, se sentam num bar, pedem vinho de palma, bebem como esponjas, dizem pagar as dívidas contraídas enquanto vivos, e entretanto eles não existem a olhos nus, veja que eu não estava mais seguro de nada, precisava de uma outra prova, então tentei um truque velho como o mundo, esperei a aparição do sol no sábado, quer dizer ontem, saí do meu esconderijo, olhei para a esquerda, olhei para a direita, sentei-me no meio de um terreno vazio, mexi as minhas patas da frente, as cruzei, descruzei, e então, palavra de porco-espinho, eu nem acreditava, constatei com satisfação que a minha silhueta se mexia, seguia o ritmo dos meus membros, eu estava vivo, não tinha mais dúvidas sobre isso, e eu poderia ter ficado lá, juro, pois bem, não, não estava seguro, não queria fazer besteira, me decidi por procurar uma outra prova de vida, aquela que eu achava a mais eficaz, fui ver meu reflexo no rio, lá também

mexi as minhas patas traseiras, as cruzei, descruzei, vi a minha silhueta fazer os mesmos movimentos, eu não era então um fantasma porque conforme aquilo que sei até agora, e sempre por intermédio dos humanos de Sêkêpembê, os fantasmas não têm silhueta, perdem a representação física, se transformam em coisas imateriais, eu não estava entretanto certo da minha existência apesar das provas irrefutáveis que teriam sido suficientes para qualquer aldeão, precisava de uma outra experiência, uma última, dessa vez mais física, e como eu passeava agora ao longo do rio eu primeiramente chafurdei na poeira depois, tomando coragem, me joguei na água, senti o frescor da nascente, disse a mim mesmo, agora muito seguro, que ainda estava vivo, o pior é que eu teria me afogado se não tivesse rapidamente saído do rio, e logo depois fui dar uma volta perto da cabana do meu mestre, para ver um pouco como as coisas estavam por lá, me escondi atrás do ateliê, percebi com estupefação o corpo de Kibandí sob um galpão de folhas de palmeira, ele tinha de fato partido para o outro mundo, mas o que mais me espantava era que, de longe, eu tinha a impressão de que o seu cadáver possuía uma cabeça de animal, digamos uma cabeça que se parecia com a minha, uma cabeça entretanto dez vezes maior, ou talvez fosse a apreensão da minha própria desapareição que me projetava essas ilusões, a morte estava lá, estava diante de mim, batia no ritmo do meu coração, podia dar um jeito em mim nos minutos ou horas seguintes, muitas questões me vieram à mente, por exemplo “e se um caçador me tomasse por sua presa, hein”, ou ainda “e se uma inundação me levasse em direção ao turbulento rio Niarí, hein”, essas interrogações me impediam de ficar sereno, estava nervoso, angustiado, o mínimo barulho me fazia retroceder, a covardia dos duplos pacíficos me ganhava, foi assim que fui me esconder numa gruta, era a primeira vez que colocava as minhas patas lá dentro, os meus medos não eram infundados já que me inquietei imediatamente pelos assobios de um réptil, não tive tempo de identificar a sua espécie, saí de lá rolando sobre mim mesmo, o medo na palma da mão, eu pensava que um réptil que assobiava como aquele só podia soltar um veneno mortal, não queria morrer daquele jeito, com um veneno mortal, saí rapidinho da gruta, era preciso atravessar a estrada em direção às últimas cabanas do vilarejo, lá ainda um perigo me aguardava, caminhões de transporte pegam essa rota uma vez por semana, eu não me lembrava mais em qual dia esses veículos sem freios passavam pela região, escolhi não cruzar a estrada, nunca se sabe, e caminhei pela vizinhança, a imagem do cadáver do meu mestre com a minha cabeça se impunha, eu perdia vários espinhos pelo caminho, e depois tive vergonha de mim, o lado humano tomando conta cada vez mais do meu lado animal, me achei patético, covarde, um pobre egoísta, disse a mim mesmo que não podia me entregar assim, no entanto não via mais o que fazer no estado em que estavam as coisas, eu iria no máximo suscitar a curiosidade dos cães batêkês e o vilarejo inteiro iria me perseguir a fim de me abater, não resisti à pequena voz que me falava, ela crescia, me ordenava realizar um gesto digno de mim, um gesto que agradaria o defunto Kibandí, então voltei à cabana do meu mestre um pouco mais tarde, com o perigo de ser localizado pelos cães batêkês, felizmente esses vigias com rabos não estavam em seus postos, tive tempo de ver o que se passava no cortejo do meu mestre, estavam na verdade levando-o ao cemitério;

Kibandí não teve direito ao funeral que dura pelo menos de cinco a seis dias no vilarejo, iam enterrá-lo menos de 24 horas depois da sua morte, notei um pequeno grupo de homens transportando o corpo ao cemitério, reconheci a família Mundjulá, que estava na origem da morte do meu mestre, com seus dois filhos, os gêmeos Koty e Kotê, era mais uma formalidade do que um enterro de verdade, juro, ninguém chorava, palavra de porco-espinho, era por pouco que os aldeões não murmuravam “tudo se paga aqui embaixo, finalmente esse malfeitor do Kibandí está morto, que ele vá pro inferno”, e ao ver como arrastavam o caixão aquilo foi pior que um rasgo no coração, estou certo de que se lhes prestaram um simulacro de última homenagem foi porque, queiramos ou não, no mundo dos homens se enterram os mortos independentemente da sua maldade, foi então que o feiticeiro entoou uma oração fúnebre bem contra a sua vontade, dois marmanjos se ocuparam rapidamente de recobrir a fossa, o cortejo partiu em silêncio enquanto eu não tirava os olhos da cruz fabricada com a ajuda de galhos mortos de uma mangueira, essa cruz um pouco tombada para a esquerda, que sobressaía do montinho de terra que servia agora de túmulo ao meu defunto mestre, distingi um velho lampião que os aldeões tinham deixado perto do sepulcro para que o defunto pudesse ver o seu caminho nas trevas da morte, e sobretudo para que ele não voltasse ao vilarejo entre os habitantes ao se infiltrar no ventre de uma mulher grávida; os aldeões estão aliás convictos de que os mortos que não têm um lampião perto do túmulo correm o risco de andar sobre os outros defuntos a quem eles devem respeitar, pois eles os precederam; achei esse ato muito gentil da parte das pessoas conscientes de que Kibandí só lhes tinha causado desgraças, vi o grupo voltar para o vilarejo em fila indiana, escutei os seus cochichos, as suas suposições acerca da morte do meu mestre, tapei as orelhas porque eles contavam coisas em que mal se podia acreditar, na verdade eu queria mesmo me aproximar da última moradia de Kibandí, aspirar a terra sob a qual ele repousava, não o fiz, me afastei na hora soluçando, me sentia culpado de ter antes escolhido a fuga como um covarde, me virei para observar uma última vez o seu túmulo, enfim fui embora ainda sem saber para onde ir, a noite caía sobre o vilarejo, as sombras se formavam diante de mim, não via mais nada, achei por acaso um lugar para passar a noite, estava confinado entre duas pedras grandes, tive que cavoucar a terra por um bom tempo para conseguir um lugar, eu sabia que esse lugar era um abrigo provisório, que eu não devia me eternizar lá porque alguns aldeões afiam as suas enxadas nesse lugar antes de ir para os campos, e, durante a noite, resisti ao sono porque pensei que a morte e as trevas são amigas de longa data, e assim que consegui descansar um pouco, esquecendo a minha condição de condenado à morte e a imagem desse cadáver com a minha cara implantada em cima, sonhei que estava caindo numa fossa enorme, sonhei também que me encontrava no meio de flamas que devastavam a savana inteira, semeavam o pânico até mesmo entre nossos inimigos eternos que são os leões, os leopardos, as hienas manchadas, os chacais, as onças, os tigres ou as panteras; acordei sobressaltado, estava espantado de sentir zumbirem os meus espinhos, estava surpreso de distinguir as coisas, “eu ainda estou vivo, ainda estou vivo, não estou morto, palavra de porco-espinho”, pensei, era preciso a qualquer preço sair desse lugar, e foi isso que fiz naquela hora

faz no máximo algumas horas, quero dizer nos primeiros raios do amanhecer deste domingo do qual lhe falo, tirei a poeira que cobria meu ventre e meu traseiro, não percebi imediatamente porque nenhum aldeão tinha passado perto dessas duas pedras grandes onde tinha me retirado a noite toda, entendi em seguida que esse era um dia de repouso, senão eu teria visto os caçadores, os extratores de vinho de palma e outros camponeses que vão aos campos desde a aparição da aurora, e então, antes de sair das duas pedras, me estiquei, bocejei, segui meu instinto, andava em ziguezague, não sei como cheguei diante desse rio dessa vez abandonado pelos patos selvagens e outros animais, eu queria atravessá-lo para um lugar onde a água fosse mais rasa, preferi evitar isso com medo de me afogar, e foi enquanto procurava contornar o rio que me deparei com você, é por isso que desde hoje cedo, meu querido Baobá, estou ao seu pé, falo com você, falo ainda que esteja certo de que você não me responderá, ora, a palavra, me parece, nos salva do medo da morte, e se ela pudesse também me ajudar a afastar a morte, a escapar dela, eu seria então o porco-espinho mais feliz do mundo

na verdade, e tenho vergonha de admitir a você, eu não quero desaparecer, não tenho certeza de que existe uma outra vida após a morte, e se ela existe não quero saber de nada, não quero sonhar com uma vida melhor, o velho porco-espinho que nos governava tinha razão quando nos deixava com um dos seus pensamentos cujo efeito no grupo ele apreciava imediatamente “de tanto esperar uma condição melhor, o sapo ficou sem rabo por toda a eternidade”, digamos que o sapo não apenas se encontrou sem rabo, além disso foi afetado por tal feiura que mesmo sentir pena dele seria uma ofensa, e então, meu querido Baobá, quando os homens falam da outra vida eles se iludem, coitados, e essa outra vida eles a veem sob um céu azul, com anjos em todo canto, só dizem coisas boas, eles se veem num jardim, numa savana tranquila onde o leão não terá mais presas, garras e soltará risadas em vez de rugidos, a morte não existirá mais, o ciúme, o ódio, a luxúria desaparecerão, os seres humanos serão iguais, eu, eu quero acreditar nessas coisas, o que é que me certifica entretanto que poderei pelo menos continuar sendo um porco-espinho, hein, talvez me reencarne em minhoca, em joaninha, em escorpião, em medusa, em lagarta das palmeiras, em lesma ou não sei que outro bicho execrável e indigno da minha espécie atual que me deixaria invejoso de qualquer outro animal, você vai talvez objetar que eu só falo da boca para fora, que sou um charlatão, um estúpido com espinhos, ora, eu não critico as outras espécies animais pelo prazer de exagerar, a modéstia é às vezes um obstáculo que nos impede de existir, é por isso que valorizo as minhas próprias qualidades desde que entendi que para nos aceitarmos como somos é melhor minimizar o repertório dos nossos defeitos, prefiro, por exemplo, os meus belos espinhos aos tumultos crônicos dos cães do vilarejo, não falo nem mesmo de certos pobres animais neste mundo onde sempre terá alguém mais deserdado que você, a lista é longa, seria mais fácil calcular as minhas dezenas de milhares de espinhos do que fazer um recenseamento dos animais que culpam o

criador deste mundo, penso na pobre tartaruga e a sua carapaça rugosa, no elefante e a sua tromba pesada, no infeliz búfalo e os seus chifres ridículos, no imundo porco e o seu focinho que ele enfia na lama, na serpente desprovida de patas e que se move rastejando, no chimpanzé macho e os seus testículos que balançam como cabaças cheias de vinho de palma, não nomeio nem mesmo o pato e as suas patas achatadas que lhe impõem uma moleza de gastrópode, contamos assim uma multidão de pobres criaturas aqui embaixo, nossa espécie não tem nada a invejar das outras, e ainda que os humanos não tenham muita boa fé eles me dariam razão porque, palavra de porco-espinho, aqui eu me desculpo por levantar o tom de voz, ah não, não me contentava em roer as cascas a alguns metros do lugar onde dormia ou ainda em me esconder nas tocas como um inativo, não me satisfazia em comer os ossos dos animais mortos ou das frutas caídas de uma árvore, e, uma vez a minha missão acabada, lhe digo, retornava para a floresta, me encolhia na minha solidão, solidão que nunca me pesou até sexta-feira passada, eu refletia sobre o sentido a dar às minhas relações com o meu mestre, não lhe deixarei imaginar que nesses momentos eu era apenas um ser sobrecarregado, testado, que caiu na armadilha do seu estranho destino, ah não, quero então viver aqui e agora, viver tanto tempo quanto você, e depois, cá entre nós, não vou colocar fim aos meus dias sob o pretexto de que não teria mais direito à vida, você me entende, hein, tento ver as coisas pelo lado positivo, adoraria me divertir de tempos em tempos, mostrar que o riso não foi sempre próprio ao homem, palavra de porco-espinho

não sei se você reparou hoje cedo quando comecei a falar com você, não quis chamar a sua atenção para esse fato insólito, percebi um lagarto de certa idade avançar na minha direção, ele parou a alguns metros, olhou para trás, colocou a língua para fora, agitou o rabo, e eu vi seus olhos arregalados pela estupefação, ele parecia congelado numa estátua de sal, estava tão horrorizado pela minha atitude de matraca sem interlocutor que saiu pela tangente, desapareceu num buraco de ratos com seus riscos e perigos, eu ri como um corcunda porque fazia muito tempo que não ria desse jeito, imediatamente contive esse estado porque tem gente que morre de rir neste vilarejo, e quando penso nesse pobre lagarto me digo que talvez fosse a primeira vez que ele surpreendia um animal se comportando como um ser humano, falando numa linguagem coerente, agitando a cabeça em sinal de aprovação, apontando uma das suas patas traseiras para o céu a fim de jurar; tive piedade desse réptil ainda que nosso governante tivesse frequentemente alegado que eu tinha muito medo de lagartos quando era pequeno, o dessa manhã deve ter pensado que estava sonhando, e eu, eu continuei a falar com você como se nada tivesse acontecido

a minha escolha de me esconder ao seu pé não foi por acaso, não hesitei um só instante assim que o vi beirando o rio, me disse que seria ali que me abrigaria, quero na verdade tirar proveito da sua experiência de antepassado, só é preciso ver as rugas que se entrelaçam em volta do seu tronco para compreender como você soube se adequar à alternância das estações, até mesmo as suas raízes se prolongam longe, bem longe no ventre da terra, e, de vez em quando, você agita

os seus galhos para impor uma direção ao vento, lembrar à natureza que só o silêncio permite viver tanto tempo assim, e eu, palavra de porco-espinho, eu estou aqui tagarelando, me espantando cada vez que uma folha morta escapa do seu topo, é preciso contudo que eu respire um pouco antes de prosseguir, tenho a respiração cortada, as ideias se misturam cada vez mais, acho que estou falando muito rápido desde esta manhã, tenho vontade de beber um pouco de água, me contentaria em lambar o orvalho do mato que me rodeia, não vou correr o risco de me afastar do seu pé, isso não, acredite em mim